

Nesta segunda edição da INTERIN, seguimos a proposta inicial de três artigos no Dossiê Temático, cinco artigos com temática livre, uma resenha e um texto lúdico, que define a cor da capa, do texto-objeto, do texto lúdico e das imagens *tic-tac* de cada edição.

As polaroides (in)visíveis, texto lúdico de Tom Lisboa, procuram repensar conceitualmente o fazer fotográfico. Suas "polaroides", feitas de papel sulfite amarelo, ao invés de impor a visão de um fotógrafo, apenas descrevem um possível enquadramento. A imagem é a pessoa quem faz. É a ausência de uma imagem procurando evidenciar o processo de construção da própria imagem fotográfica que surge a partir de cada subjetividade.

Adriana Amaral resenhou o livro *A hacker manifesto* do teórico da cibercultura McKenzie Wark (Harvard University Press, 2004) ainda não traduzido para o português. A obra trata do conceito de hacker como uma nova classe social e seus desdobramentos filosóficos para o campo da comunicação.

O Dossiê Temático se intitula *Comunicação e Cinema* e foi disposto em ordem alfabética a iniciar pelo primeiro nome de cada autor. Há um diálogo bastante profícuo entre os textos. Manuela Penafria, em seu texto de caráter exploratório, discute as possibilidades das produções em forma de documentário, que produzem imagens de arquivo, de memória coletiva, ou imagens de família, de enfoque mais confessional. Com um corpus abrangente, sua pesquisa analisa possibilidades de captação e edição de imagens, por vezes manipuladas, outras compiladas, sempre versando sobre a metodologia no desenvolvimento da narrativa. Enquanto para alguns autores o conceito adotado é de "work in progress", para outros é de "trabalho em perspectiva", ou ainda "tudo filmar", com tendência ao plano-seqüência. Contudo, é no que tange ao aspecto dimensional que o texto se aproxima dos outros dois componentes do Dossiê Temático. Penafria aventa a hipótese de que, mesmo nos documentários mais pessoais, há, dentro de seu corpus, um microcosmo que se refere a um macrocosmo, de dimensão subjetiva universal, como se o regional/local remetesse a uma esfera superior.

Mariarosaria Fabris analisa "Così ridevano" (1998), de Gianni Amelio, comentando que o filme narra histórias locais, mas tem como cenário acontecimentos importantes, como a emigração do Sul da Itália às cidades industriais do Norte, passando também do micro ao macrocosmo. Parte de seu texto segue a metodologia comparativa, evocando similaridades temáticas e mesmo ideológicas com "Rocco e suoi fratelli" (1960), de Luchino Visconti. Em sua opinião, o filme poderia ser dividido em capítulos, não só pelo encadeamento da narrativa, mas também pela representação dos períodos históricos e dos contrastes lingüísticos e culturais na condição socioeconômica italiana, passando do microcosmo da lembrança do mar, na infância, à conotação do conceito, como parte da cultura geral européia. Sua evocação de episódio similar em "Padre, Padrone" (1976/77), dos Irmãos Taviani, converge com a idéia de memória coletiva de Penafria, uma certa nostalgia do passado, que encontrará eco no próximo artigo, de Raymond Watkins.

Raymond Watkins reconfigura a discussão sobre o tema da interface cinema-pintura, recorrendo aos preceitos fenomenológicos de Heidegger e Merleau-Ponty, enfatizando a figura do animal como uma possibilidade de volta à terra (earth), à natureza, em contraposição ao mundo (world), implicando que a “action-painting” expressa o movimento das mãos, como metonímia do comportamento. Ao citar Renoir e a escultura “Sheep Piece”, de Henry Moore, o texto de Watkins vai ao encontro das imagens propostas por Fabris, quando esta menciona os carneiros/ovelhas de Padre Padrone, como um universo primordial, onde a arte encontra seu habitat, retornando a um momento pré-consciente, onde a pureza da visão é possível. Watkins acredita que o animal, protagonista do filme de Bresson, exhibe níveis superiores de percepção além dos limites da compreensão humana, simbolizando a matéria-prima, como a água, a pedra ou a madeira. A suposta incomunicabilidade do animal, com seu olhar parado, estático, dialoga com o personagem Pietro, do texto de Fabris, ambos representando cenas locais com reverberações universais. O olho do animal é visto, por Watkins, como a lente da câmera, que tudo vê e nada vê, registrando subjetividades de maneira objetiva, concepção esta que circularmente retorna ao texto de Penafria, onde a pesquisa da autora discute em profundidade a dicotomia objetividade/subjetividade.

Os cinco artigos livres também se articulam, como fazem a areia e a água para sincronizar o movimento do mar. O fio é a conectividade da comunicação com a política. Antonio Hohlfeldt, embasado nas experiências de legislador e pesquisador, mostra o inato caráter político-comunicacional do homem, os entrelaçamentos das naturezas dos partidos políticos e dos meios de comunicação, as extensões e interações dos respectivos campos simbólicos e a convergência na formação dos imaginários, símbolos da comunicação política contemporânea. O espanhol Francisco Javier Fernandez Obregón, em texto traduzido por Claudia Quadros e Itanel Bastos de Quadros Junior, enriquece esta temática ao propor a revisão das relações entre os políticos e os jornalistas e discorrer a respeito da dependência mútua, das relações por vezes viciadas, do filtro da midiocracia e suas conseqüências na manufatura dos produtos informativos adquiridos pelo cidadão. É hora de rever este processo, como bem sabe o povo brasileiro.

Por falar em Brasil, o artigo de Édison Gastaldo e Rodrigo Leistner parte do futebol para refletir sobre o exercício da criação de categorias constituintes de uma identidade brasileira, ato notadamente político. Alberto Klein e Luis Antônio Paim Gomes, autores dos dois outros textos, costeiam a orla da polis da comunicação. Klein indica o surgimento de um novo status semiótico da imagem publicitária, associado ao retorno da imagem no período paleolítico, e Paim Gomes propõe uma nova leitura epistemológica da condição em razão da diversidade das linguagens e das tecnologias comunicacionais. Em suma, da riqueza dos fenômenos políticos da comunicação. Portanto, a leitura da segunda edição da INTERIN é feito um caminho, cujos passos se encaixam. Bom passeio.